



ARDIS DA ARTE





UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Reitor</i>	Carlos Gilberto Carlotti Junior
<i>Vice-reitora</i>	Maria Arminda do Nascimento Arruda



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

<i>Diretor-presidente</i>	Sergio Miceli Pessoa de Barros
---------------------------	--------------------------------

COMISSÃO EDITORIAL

<i>Presidente</i>	Rubens Ricupero
<i>Vice-presidente</i>	Maria Angela Faggin Pereira Leite
	Clodoaldo Grotta Ragazzo
	Laura Janina Hosiasson
	Merari de Fátima Ramires Ferrari
	Miguel Soares Palmeira
	Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior
<i>Suplentes</i>	Marta Maria Geraldtes Teixeira
	Primavera Borelli Garcia
	Sandra Reimão

<i>Editora-assistente</i>	Carla Fernanda Fontana
<i>Chefe Div. Editorial</i>	Cristiane Silvestrin

ARDIS DA ARTE

Imagem, Agência e Ritual na Amazônia

CARLOS FAUSTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Fausto, Carlos

Ardis da Arte: Imagem, Agência e Ritual na Amazônia / Carlos Fausto. – São Paulo, sp: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5785-123-4

1. Amazônia – Aspectos sociais 2. Arte indígena – América do Sul – Brasil 3. Povos indígenas – Brasil – Cultura 4. Rituais indígenas 1. Título.

23-150554

CDD-704.03

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura: Arte indígena : Povos indígenas :
História 704.03

Tábata Alves da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9253

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária
05508-050 – São Paulo – sp – Brasil
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Printed in Brazil 2023

Foi feito o depósito legal

Para meu filho Antonio

Pois agora está evidente que a animação da imagem não é de modo algum uma questão de encontrar o “centro sagrado”. O que importa é apenas a reduplicação das peles para fora em direção ao macrocosmo e para dentro em direção ao microcosmo, bem como o fato de todas essas peles serem estruturalmente homólogas; não há “superfície” definitiva, não há “interior” definitivo, há apenas uma passagem incessante para dentro e para fora, e é aqui, neste tráfego de ida e volta, que o mistério da animação se resolve.

ALFRED GELL

Há muitos tipos diferentes de homens em diversas terras; quem viaja longe descobrirá ser esse o caso e o verá diante de seus olhos [...] Mesmo que tenhamos sucesso, nós só chegamos a nos aproximar disso um pouco de longe. Pois nós mesmos temos diferenças de percepção, e os vulgos que seguem apenas o próprio gosto geralmente erram. Portanto, não aconselharei ninguém a me seguir, pois só faço o que posso, e isso não é suficiente nem mesmo para satisfazer a mim mesmo.

ALBRECHT DÜRER

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS 13

CONVENÇÕES ORTOGRÁFICAS 17

INTRODUÇÃO 19

Vinheta Etnográfica 22 | Pessoas e Coisas 24 | As Palavras e o Mundo 26 | A Virada Pictórica 28 | A Agência dos Artefatos 29 | Sobre o Animismo 32 | O Sorriso do Professor 35 | O Ritual e Seus Colchetes 38 | Para Além do Iconismo 40 | Dos Limites da Comparação 42 | Do Livro e da Pesquisa 44

O CORPO-ARTEFATO 49

Um Mundo de Duplos 54 | Jaguares Intrincados 56
Dançando o Inimigo 59 | Canto Torto 63 | Variações Coreográficas 65 | O Canto e a Fumaça 69 | Crianças Futuras 70 | Perdendo a Cabeça 72 | O Suplemento 79
Bebo um Recém-nascido 82 | Um, Nenhum e Cem Mil 85
Duplicações Rituais 89 | A Lógica da Substituição 91

SELVAGENS MISTÉRIOS 95

Sagrado Segredo 98 | Principais Características do Complexo 99 | As Áreas do Complexo 102 | Aerofones e Estrutura Social 111 | Instrumentos Musicais Kuikuro 114

Aerofones entre Mito e História 117 | Quinteto de Clarinetes 118
Flautas Duplas 121 | Trio de Flautas Sagradas 122 | Pescando
Flautas 125 | A Produção da Presença 132 | Garrafas de Klein
Acústicas 133 | Transformações Andróginas 136 | Arquimboldos
Sonoros 140 | O Universo em Pequenos Intervalos 143

REDEMOINHOS DE IMAGENS 147

Uma Viagem ao Norte 150 | O Humano no Interior 151 | Cristas
e Caixas 157 | Andanças pela Floresta Tropical 167 | A Máscara
do Inimigo 168 | Nos Formadores do Rio Xingu 174 | Máscaras
Kuikuro 176 | O Redemoinho de Ipi 185 | Espírito por um Instante 192
A Pele e Suas Muitas Almas 194

A EFÍGIE PRONOMINAL 199

Rito, Mito, História 203 | Um Conto de Três Histórias 205 |
Os Personagens Rituais 211 | Duelos Verbais 221 | Pronome em
Pé 228 | A Reduplicação do Locutor-receptor 232 | O Duelo de Dardos 234
O Morto de Volta à Cena 236 | Fechando o Círculo 240

OS DOIS CORPOS DO CHEFE 247

O Primeiro Quarup 250 | A Condição-chefe 254 | Quando Morre
um Chefe 259 | Destripando o Jaguar 261 | A Sepultura-
-ampulheta 264 | Talhado para Ser Chefe 266 | A Fabricação das
Efígies 267 | De Animal a Vegetal 273 | O Jaguar e o Umiri 274
Nomes Memoráveis 277 | A Mimese Alto-xinguana 279 | Tornando-se
Gente 282 | Cópias Copiosas 284 | O Original e Suas Cópias 286
Replicar, Multiplicar 290

CONCLUSÃO 293

O Mestre Solar do Engano 296 | Mentir, Verbo Estativo 299 | A Primeira
Similitude 303 | As Faces Monstruosas de Deus 307 | Três em Um 309
A Máscara do Diabo 319 | Humanos não Comem Carne Crua 325
Os Demônios da Invasão 328 | A Longa Duração na Amazônia 330

BIBLIOGRAFIA 341

ÍNDICE 373

AGRADECIMENTOS

Agradeço às instituições que financiaram diretamente a pesquisa da qual resultou este livro: Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Volkswagen Stiftung (Projeto DOBES – Max Planck Institute for Psycholinguistics). Entre 2004 e 2012, coordenei diversos projetos junto à Associação Indígena Kuikuro do Alto Xingu (Aikax), recebendo financiamentos de Petrobras Cultural, Programa Demonstrativo para Povos Indígenas (Ministério do Meio Ambiente) e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), do Ministério da Cultura. Agradeço também à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que apoiou dois convênios bilaterais Brasil-França sob coordenação minha e de Carlo Severi (Acordo Capes-Cofecub 2007-2010 e Programa Saint-Hilaire 2011-2012). Expresso meu reconhecimento ao Musée de Quai Branly, à École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), ao Collège de France, ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e ao Museu do Índio pelo apoio que deram às atividades. Por fim, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional, da UFRJ, onde desenvolvo minhas atividades de pesquisa e ensino.

Todo livro resulta de muitas conversas com as mais diversas pessoas. Este não poderia ser diferente. Se há, porém, uma pessoa em especial a quem devo agradecer o diálogo franco e amigo, este alguém é Carlo Severi. Muito do que aqui desenvolvi nasceu de nossas conversas em seminários e conferências, em nossa viagem mineira para ver as esculturas de Aleijadinho, ou ainda nos divertidos jantares que pontuaram nossos encontros. Vários capítulos foram ini-

cialmente apresentados no seminário Antropologia da Memória, animado por Severi na EHESS, onde tive ainda o prazer de expor uma versão quase completa do manuscrito em 2018, como professor visitante. Em todas essas ocasiões, as questões desafiadoras dos estudantes me obrigaram a corrigir e aprimorar meus argumentos. Sou também grato a toda a equipe do projeto Capes-Cofecub: Julien Bonhomme, Pierre Déléage, Philippe Descola, Bruna Franchetto, Marco Antonio Gonçalves, Els Lagrou, Anne-Christine Taylor e Aparecida Vilaça.

Manifesto também minha gratidão às seguintes instituições, onde pude apresentar partes deste livro: departamento de história da University of British Columbia, departamento de antropologia social da University of Cambridge, departamento de história da arte e arqueologia da Columbia University e programa de estudos pré-colombianos de Dumbarton Oaks. Pelos convites, meu muito obrigado a Neil Safier, James Laidlaw, Zoë Strother e Steven Kosiba. Aproveito para agradecer aos membros do Laboratório de Antropologia da Arte, Ritual e Memória (LARME), que acompanharam minha pesquisa (e realizaram as suas) ao longo desses anos.

Alguns dos capítulos deste livro desenvolvem argumentos e dados previamente apresentados na forma de artigos. Assim, o capítulo 3 retoma e expande a discussão que aparece em “Le masque de l’animiste: chimères et poupées russes en Amérique indigène”¹; o capítulo 4 desenvolve a análise levada a cabo em “L’effigie, le cousin et le mort: un essai sur le rituel du Javari (Haut-Xingu, Brésil)”², enquanto o capítulo 5 faz uso de dados publicados em “Chiefly Jaguar, Chiefly Tree: Mastery and Authority in the Upper Xingu (Amazonia)”³.

Por vezes, só nos damos conta de que pertencemos a uma comunidade quando recorremos aos amigos para suprir nossa ignorância. Gostaria de agradecer imensamente às pessoas que tiveram a generosidade de ler partes do manuscrito, oferecendo seus comentários, corrigindo erros, compartilhando dados etnográficos e imagens inéditos: Messias Basques, Jean-Pierre Chaumeil, Luiz Costa, Ana G. Coutinho, Stephen Hugh-Jones, Vanessa Lea, Maria Luísa Lucas, Edson T. Matarezio Filho, Eduardo G. Neves, Suzanne Oakdale, Thiago L. da Costa Oliveira, Kleyton Rattes, Ana Paula Ratto de Lima Rodgers, Anne-Christine Taylor, Luiz Fabiano Tavares, Márnio Teixeira-Pinto, Aparecida Vilaça e Diego Villar. Devo um reconhecimento especial a Isabel Penoni, que é coautora do artigo que deu origem ao capítulo 4 deste livro. Sem sua colaboração, o texto jamais teria a densidade que, penso, ter alcançado. Agradeço ainda a Leslie Searle por me apresentar, mais de uma década atrás, o vaso moche com que termino este livro. Aproveito para expressar meu obrigado a todos os museus e indivíduos que me deram a permissão para publicar as imagens dos artefatos de suas coleções. Fico particularmente feliz em voltar à casa editora que me acolheu e publicou minha

1 Carlos Fausto, “Le masque de l’animiste”, 2011a.

2 Carlos Fausto e Isabel Penoni, “L’effigie, le cousin et le mort”, 2014.

3 Carlos Fausto, “Chiefly Jaguar, Chiefly Tree”, 2020.

primeira monografia. Encontrei, duas décadas depois, o mesmo compromisso com a qualidade e a beleza do artefato livro. Agradeço a toda a equipe editorial e, em especial, a Carla Fernanda Fontana.

Em minha pesquisa entre os Kuikuro, tive o privilégio de contar com colaboradores excepcionais. Na frente linguística, contei com o apoio inestimável de Bruna Franchetto, Mutuá Mehinako, Mara Santos e Sergio Meira; no *front* arqueológico, Michael J. Heckenberger e Morgan Schmidt; no *front* musical, Tommaso Montagnani e Didier Demolin; no *front* botânico, Robert Miller e Maira Smith; no *front* audiovisual, Vincent Carelli, Takumã Kuikuro e Leonardo Sette.

De todas as conversas, as mais decisivas foram aquelas que tive com meus amigos e interlocutores parakanã e kuikuro, no campo e na cidade. Já tive a ocasião de agradecer aos Parakanã que me acolheram em minha primeira pesquisa de campo, mas não custa lembrar o nome de meus saudosos professores de então: Iatora, Koria, Ajowy'a, Karája, Pi'awa, Akaria, Namikwarawa e Arakytá. Nas pessoas dos caciques Afukaká e Jakalu, agradeço a todos os Kuikuro por me receberem na aldeia de Ipatse. Agradeço ainda a meus principais interlocutores: Tagukagé, Haitsehü, Kamankgagü, Tagó, Ipi, Ajahi, Jauapá, Sagiguá e Kalusi, bem como Takumã, Mutuá e Jamaluí, grandes parceiros de pesquisa. Sou grato a Bruna Franchetto por ter-me aberto as portas do Xingu, um lugar que virou minha segunda casa e à qual não canso de retornar.

No decorrer deste experimento intelectual, vi meus pais partirem e meu filho virar adulto – estas foram as experiências fundamentais por que passei nesses anos. Entre tristezas e alegrias, aprendi a ver meu trabalho sob outro prisma, não menos precioso para mim, mas melhor integrado ao mundo de presenças ausentes e ausências presentes que hoje habito. Agradeço a meus pais que me deram régua e compasso e a meu filho a quem ainda tento entregá-los.

A Aparecida, por fim, tenho tudo a agradecer – o amor, a amizade, a parceria – e, não menos importante, a exortação diária para que eu deixasse de tentar abraçar o mundo e me concentrasse em terminar este livro.

CONVENÇÕES ORTOGRÁFICAS

Ao longo deste livro, utilizo termos em várias línguas indígenas. Sempre que estiver citando a literatura, mantenho a ortografia do autor. No caso de minhas línguas de campo, as quais contêm sons que não possuem equivalente exato em português, adoto as seguintes convenções:

- /kw/ (em parakanã, equivalente a /ku/ em kuikuro): soa como /qu/ em “qualidade”;
- /ng/ consoante nasal velar (parakanã e kuikuro): soa como /ng/ em “song”;
- /g/ tape uvular (kuikuro): não tem som equivalente em outra língua;
- /nkg/ oclusiva velar pré-nasalizada (kuikuro): soa como /ng/ em “manga”;
- / ' / oclusão glotal: som consonantal surdo produzido pelo fechamento e relaxamento da glote.

Há ainda uma vogal que soa aproximadamente como /i/ na palavra inglesa *bit* (embora um pouco mais posterior), que é grafada diferentemente em kuikuro e parakanã:

- /ü/ vogal central-posterior alta não arredondada (kuikuro);
- /y/ vogal central-posterior alta não arredondada (parakanã).

Em parakanã, uma leve ênfase recai geralmente sobre a penúltima sílaba da palavra. Em kuikuro, o acento é um assunto complicado, pois ele muda dependendo da frase. Por essa razão, na maioria das vezes, evitei o uso de diacríticos. Não raras vezes, utilizei o nome de

LANÇAMENTO 2023

JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

www.edusp.com.br/loja

LIVRARIAS

www.edusp.com.br/livrarias

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

divulga@usp.br

